

BRASIL-PORTUGAL

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIA — A empresa do *Brasil-Portugal*
EDITOR — Manuel Pedro da Silva.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — Typ. do Anuário Commercial.

1 DE OUTUBRO DE 1911

N.º 305

Portugal e Brasil

O dr. Nilo Peçanha, ex-presidente da Republica Brasileira, em Lisboa



O dr. Nilo Peçanha e o Presidente da Republica Portuguesa

(Phot. de J. Benoit)

NOTAS DA QUINZENA

Lisboa, 1 de outubro de 1911

Dr. Nilo Peçanha — A catastrophe do *Liberté* — A Italia e o Tripoli — Os acontecimentos em Hespanha — As festas de 5 de outubro. Um simples reparo

Como presidente da Republica Brasileira, o dr. Nilo Peçanha prestou serviços à nação portugueza monarchica. E' a nação portugueza republicana que mezes depois acolhe na sua capital o dr. Nilo Peçanha e n'elle saúda o paiz brasileiro e faz votos pela prosperidade da Republica sul-americana. Tal é a ordem das coisas, tal é o imperio das circumstancias, tal é o

Felizmente, porém, mais uma vez se poud reconhecêr a veracidade do aphorismo francez: *à quelque chose malheur est bon*, porque o golpe inesperado que de subito vem retalhar o coração de um paiz, corre, alastra e dá a impressão de attingir egualmente a humanidade inteira, tal é a solidariedade na dôr, a partilha na adversidade, a confraternidade no soffrimento.

Portugal que ama a França como a primeira entre as nações intellectuaes, mestra e orientadora do seu espirito, sentiu esse golpe como se ao proprio coração lhe fosse vibrado.

A conquista de Tripoli pela força armada, tal é a aventura em que na hora presente parece empenhar-se a Italia. Estará a

VISITANTES ILLUSTRES

O dr. Nilo Peçanha em Lisboa



Na estação do Roclo. — Da esquerda para a direita: dr. Oscar Tefé, 1.º secretario da legação brasileira, dr. Nilo Peçanha, ex-presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil, dr. Arthur Teixeira de Macedo, consul, dr. Belfort Ramos, 2.º secretario da legação, Diogo Teixeira de Macedo e Joaquim Clington, funcionarios do consulado.

(Phot. de A. C. Lima)

esforço do Destino e do Imprevisto, que transfere personalidades e transforma instituições com a mesma facilidade e presteza com que se toma um empregado ou se muda de fato.

Uma catastrophe tremenda, uma arrojada aventura, e uma poderosa rebellião violentamente debellada, marcaram em paizes estrangeiros a quinzena decorrida.

A catastrophe foi a do couraçado *Liberté*, e essa enlutou a França, que perdeu alguns centenaes de homens, filhos seus que a serviam no mar com dedicação e lealdade.

Nem a humanidade nem a sciencia podem prever acontecimentos d'esta natureza, que de quando em quando deixam na desolação familias numerosas, e levam a um paiz inteiro a consternação e a mágua.

Turquia disposta a defender um territorio que é seu, ainda que para isso tenha de arrostar com uma força evidentemente superior, cavar a ruina do seu thesouro que não é abundante, e sacrificar a vida dos seus filhos, que são patriotas?

E' a interrogação para onde se dirigem os olhares do mundo inteiro n'este momento historico em que todas as idéas se baralham deante de um espectáculo assombroso: nações poderosas que estimulam e atijam a Italia para ir para a frente, para não desistir do seu plano, para se apoderar, emfim, da colonia turca. De fórma que a proclamação de todos os principios de direito internacional, a letra dos tratados, a paz apregoada por todos os congressos e definida em accordos diplomaticos, tudo isso é letra morta, é ficção sem valor tudo isso, quando uma velha ambição revive, quando surge uma visão de engrandecimento.

E as nações que, segundo a moderna divisa nas suas bandeiras gravada, quanto mais preconizam a paz mais se armam para a guerra, são essas que espreitam o momento de rasgar os seus

compromissos e de impellirem para uma lucta, que deve ser devastadora e sangrenta, uma nação irmã, das mais nobres e das mais cultas, só porque se lhes affigura propicio o momento de... pescarem nas aguas turvas. Positivamente ha taras, degenerescencias, anomalias, nos individuos como nas nações.

Os acontecimentos nos ultimos dias occorridos em Hespanha, teem importancia capital como symptoma. Por serem a manifestação de um plano, de que deveria resultar uma rebellião, e em caso de victoria, uma transformação politica, é grande a proporção que assumem. O plano falhou, o governo fel-o abortar com mão de ferro, mas as circumstancias que o revestiram, as entrelinhas que n'elle appareceram, devem obrigar os governantes de Hesper-

Corre o primeiro anno sobre a revolução triumphante, e não querem os verdadeiros amigos do regimen vigente deixar passar essa data, que pertence á Historia, sem a celebrar e avivar com manifestações de regosijo publico e festas em que tome parte o povo, principal collaborador da obra revolucionaria que em 5 de outubro do anno passado teve o seu epilogo.

Nada mais justo e nada mais coherente. Cantam hoje, celebram agora, como em todos os tempos cantaram e celebraram as suas victorias, os triumphadores. Se os republicanos o não tivessem sido, se fossem os monarchicos que dominassem a revolução, seriam estes que hoje celebrariam, pela mesma fórma ou por outra, a gloria conquistada. Inepto e illogico seria por conseguinte todo aquelle que se insurgisse contra as manifestações de regosijo dadas pelos vencedores, todo aquelle que se atrevesse a censural-os por darem expansão á sua alegria, e ao seu triumpho sobre os derrotados.

Republicanos, monarchicos, socialistas, legitimistas, o que a

EM SETUBAL

AS FESTAS BOCAGEANAS



O cortejo civico dando a volta á praça de Bocage

(Phot. de A. C. Lima)

na a reflectir com cuidado e a governar com acerto de hoje para o futuro.

Canalejas classificou o movimento de socialista-republicano-anarchista, mas foi evidentemente o elemento republicano que n'elle predominou.

O que não é facil comprehender, sobretudo comparando esse movimento com os que precederam em Portugal a revolta de 5 d'outubro, é que os dirigentes de lá tivessem posto de parte o exercito, que todo se conservou fiel ás instituições e ao governo. A revolução portugueza triumphante e a mallograda rebellião hespanhola, unem-se e completam-se para provar á evidencia que sem a collaboração do exercito, sem o apoio militar, é impossivel a transformação de um regimen politico em qualquer nação da Europa.

E' destinada a primeira semana de outubro de 1911 a comemorar com festas populares a primeira semana de outubro de 1910.

todos, porém, assiste como cidadãos, como habitantes da cidade, como contribuintes, é o direito de lamentar que na exhibição d'esses regosijos o bom gosto artistico seja suplantado e seja maltratada a esthetica de uma cidade. Um architecto emerito, um artista consciencioso, o sr. Rosendo Carvalheira, não obstante fazer parte da commissão das festas, foi o primeiro a protestar contra a ornamentação de algumas ruas, cujo projecto não fóra submettido á commissão. Não é, portanto, demais, parece-nos, que os que escrevem, que os que teem pelo menos a pretensão de orientar o publico, que os que teem viajado e visto o que se faz em terras civilizadas, lamentem o mesmo que o sr. Carvalheira lamentou, e exteriorisem o seu sentimento ao verem profanada a arte decorativa e deformado por phantasias macabras o aspecto de uma cidade civilizada, que para ser festivo não precisa de ser caricato.

JAYME VICTOR.

A pallidez divinisa a belleza das mulheres e nobilita a mocidade dos homens.

As greves em Hespanha

A gréve revolucionaria em Valencia



Proclamação da lei marcial em Valencia

No tribunal do commercio:

— Mas o senhor não via que a sua *quebra* era fraudulenta.
— E' que eu, senhores, sou portuguez dos de velha raça, de antes *quebrar* que torcer.

ocasião, partiu como um raio, e, antes que o cão tivesse tido tempo de vêr se havia ou não que comer no prato, já elle estava aconchegado na casita.

Quem acreditará que o porco é um animal tão malicioso?

A intelligencia dos animaes

Um traço característico da intelligencia do porco. Havia a bordo de um navio, onde ia Franklin, um porco e um cão; em pouco tempo os animaes tornaram-se amigos e companheiros. Comiam no mesmo prato, passeavam juntos e deitavam-se ao sol ao lado um do outro.

O unico capitulo da vida domestica em que não estavam de accordo era no modo de passar a noite. Havia só uma casita para os dois animaes e passava lá a noite aquelle que chegava primeiro.

Uma noite em que fazia muito vento, o porco, não se sentindo muito seguro no tejadilho, julgou prudente refugiar-se na casita.

Por mais que supplicasse, o cão que já lá estava não cedeu de modo nenhum. Então imaginou uma manha, cujo exito foi excellente.

Foi buscar um prato de estanho onde tinha havido batatas, levou-o para perto da casita e pôz-se a fingir que comia; fazia muito barulho com o prato e desenvolvia uma actividade de focinho, surprehendente.

O cão, ao ouvir este barulho de banquete, não poude conter-se por mais tempo; precipitou-se no tejadilho, para fazer *vis-à-vis* ao porco, mettendo o focinho no prato vasio. Este, aproveitando a



A gréve revolucionaria em Valencia

A guarda civil conduziendo sob prisão um grevista

Poder da palavra

OINOS. — Perdôa, Agathos, a fraqueza de um espirito revestido ainda ha pouco da immortalidade.

AGATHOS. — Não tenho nada que te perdoar, meu caro Oinos. O conhecimento não é instinctivo, nem mesmo aqui. Quanto ao saber pede-o aos anjos com confiança!

OINOS. — Mas na existencia passada, imaginava eu, que o conhecimento de todos os objectos me viria de uma uma só vez e com elle a felicidade absoluta.

AGATHOS. — Ah! não é na sciencia que está a felicidade; mas sim na aquisição da sciencia! Saber para sempre, é a beatitude eterna: mas saber tudo, seria uma condemnação de demonio!

OINOS. — Mas visto que os nossos conhecimentos augmentam a cada minuto, não é inevitavel que cheguemos por fim a conhecer tudo?

AGATHOS. — Contempla o abysmo immenso do Universo. Deixa cansarem-se-te os olhos a penetrar as innumeraveis perspectivas de estrellas, através das quaes deslizamos serenamente e sem fim! Não sentes estacar a propria visão espiritual, ante as aureas muralhas circulares dos céos, muralhas feitas de myriades de corpos brilhantes, que se fundem n'uma unidade incommensuravel?

OINOS. — Concebo agora claramente que o infinito da materia não é um sonho.

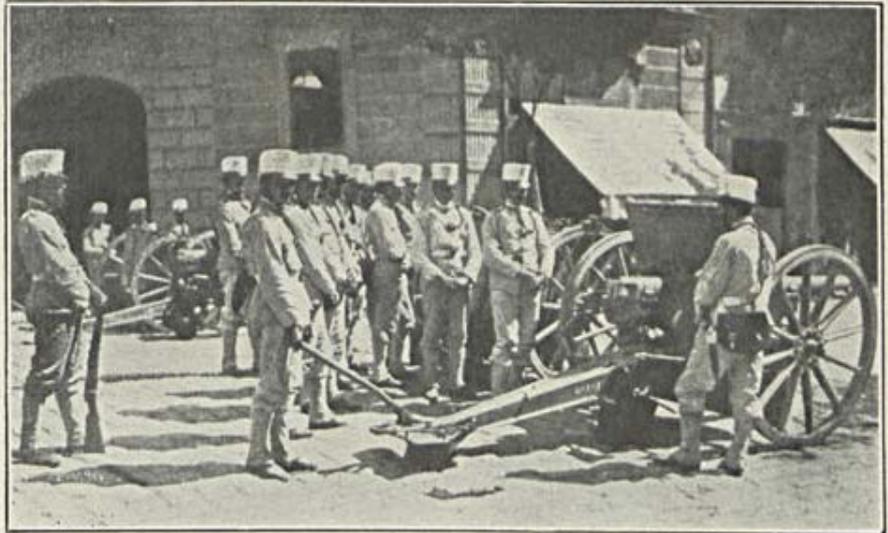
AGATHOS. — Não ha sonhos no céo, mas revella-se-nos aqui, que o unico objecto do infinito da materia, é crear fontes infinitas, onde a alma possa cevar esta séde de conhecer que lhe é ingénita, e que ella não poderia extinguir sem se aniquilar a si propria. Interroga-me pois, meu Oinos, com liberdade e sem receio. Vem! Deixaremos á esquerda o grupo brilhante das Pleiades e iremos pousar lá ao longe, nas planicies estrelladas, para além do Orion, onde acharemos em vez de amores perfectos, violetas e jaceas selvagens, vastas regiões de soes triplos e de soes tricolores.

OINOS. — E agora, Agathos, enquanto adejamos através do

OINOS. — Explica-te.

AGATHOS. — A Divindade não creou senão ao principio. As creaturas que emergem agora infatigavelmente á existencia, por todo o Universo, podem apenas ser consideradas como resultados immediatos ou indirectos e nunca como directos ou immediatos do Divino Poder Creador.

OINOS. — Essa idéa, meu Agathos, teria sido considerada entre os homens como o ultimo grau da heresia.



A greve em Saragoça — A artilharia occupando a rua de Rusafa

AGATHOS. — Entre os anjos, meu Oinos, é simplesmente admitida como uma verdade.

OINOS. — A minha razão comprehende-te; mas só com relação a certas operações do ser a quem chamamos Natureza, ou leis naturares, produzindo, em determinadas condições, objectos que teem a perfeita apparencia da criação. Recordá-me que, pouco tempo antes da destruição final da terra, fizeram-se, com o melhor exito, um grande numero de experiencias, que alguns philosophos designaram, emphaticamente, sob o nome de criação de animalculos.

AGATHOS. — Esses casos não eram senão exemplos de criação secundaria; da unica especie de criação que não se tornou mais a effectuar, desde que a primeira palavra proferiu a primeira lei.

OINOS. — E os mundos estrellados que brotam incessantemente das profundezas do Nada e que a toda a hora e todo o instante fazem explosão nos céos; esses astros, Agathos, tambem não são a obra immediata do Creador?

AGATHOS. — Vou tentar, meu Oinos, conduzir-te gradualmente á concepção que tenho em vista. Sabes perfectamente, que, assim como nenhum pensamento pode perder-se assim não ha uma unica acção que não tenha um resultado infinito. As nossas mãos agitando-se no ar, quando eramos habitantes da terra, causavam uma certa vibração na atmosphaera ambiente. Essa vibração prolongava-se indefinidamente, communicando-se a cada mollecula da atmosphaera terrestre, que a partir d'esse momento e para sempre era posta em actividade, por aquelle simples movimento da mão. Os mathematicos do nosso planeta conheceram perfectamente esse facto. Os effeitos particulares creados no fluido por impulsos particulares, serviram-lhes de base a um calculo muito

exacto; de sorte que se tornou facil determinar, em que periodo preciso o impulso de uma força dada poderia fazer o giro do globo e influenciar, para sempre, cada atomo da atmosphaera ambiente. Por um calculo retrograda, determinaram igualmente (sendo dado um effeito em condições conhecidas) o calor do impulso original. Então os mesmos sabios, que viram que os resultados de um impulso dado



A greve em Barcelona — Os grevistas em frente d'uma fabrica

espaço, instrue-me. Mas fala-me a linguagem familiar da terra. Ainda agora não comprehendi bem o que me davas a entender sobre os modos e os processos da criação; isto é, do que chamavamos criação no tempo em que eramos mortaes. Queres dizer que o Creador não é Deus?

AGATHOS. — Quero dizer que a Divindade não cria cousa alguma.

eram absolutamente sem fim é que uma parte desses resultados podia ser rigorosamente seguida no espaço e no tempo, por meio da analyse algebraica; que comprehenderam tambem a facilidade do calculo retrogrado; esses homens, digo, conheceram ao mesmo tempo que esta especie de analyse continha, ella propria, um poder de progresso indefinido: que não existiam limites concebiveis á sua marcha progressiva, nem á sua applicabilidade, excepto os do espirito que a havia conduzido ou applicado. Mas tendo chegado a este ponto, os nossos mathematicos estacaram.

OINOS. — E para que haveriam de ter ido mais longe, Agathos?

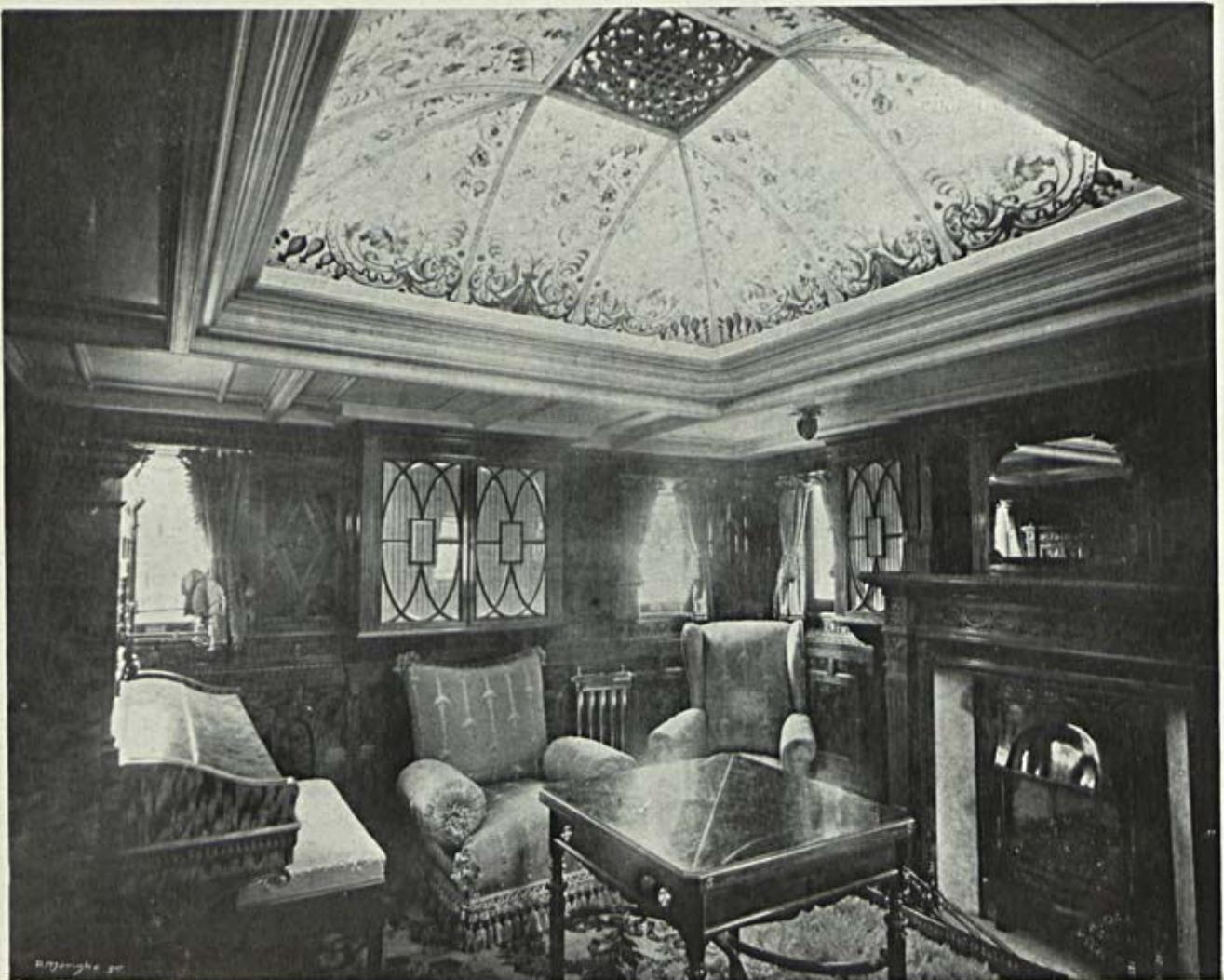
AGATHOS. — Porque havia mais longe considerações de um interesse profundo. Do que sabiam, os nossos philosophos podiam ter inferido, que um ser de uma intelligencia infinita (um ser para quem a analyse algebraica não teria limitação) não acharia a minima difficuldade em seguir qualquer movimento imprimido ao ar e transmittido ao ether pelo ar, até ás suas repercussões mais longinquas, mesmo n'uma epocha infinitamente remota. Demonstra-se, effectivamente, que cada movimento imprimido ao ar, deve, por fim, actuar sobre todos os seres individuaes, comprehendidos *nos limites do universo*. Ora o ser dotado de uma intelligencia infinita (o ser que imaginámos) poderia seguir as ondulações longinquas

do movimento, seguil-as ao longe e incessantemente mais longe, nas suas influencias sobre todas as particulas da materia; ao longe e incessantemente mais longe, nas modificações que ellas impõem ás fórmas primitivas (ou, n'outros termos, nas creações novas que ellas produzem), até vê-las, enfim, quebrarem-se e desde então inefficazes, de encontro ao throno da Divindade. Um tal ser, poderia fazer não só isto, mas ainda, se n'uma época qualquer lhe fosse apresentado um certo resultado (se um d'estes cometas innumeraveis, por exemplo, fosse submettido ao seu exame) elle poderia, sem trabalho algum, determinar, pela analyse retrograda, a que impulso primitivo o mesmo cometa devia a sua existencia. O poder de analyse retrograda, na sua plenitude e absoluta perfeição, é exclusivamente a prerogativa da Divindade; mas este poder é exercido, em todos os graus da escala inferior á perfeição absoluta, pela povoação total das intelligencias angelicas.

OINOS. — Mas tu não falas senão dos movimentos imprimidos ao ar.

AGATHOS. — Falando do ar, o meu pensamento abraçava apenas o mundo terrestre; mas a proposição generalisada comprehende os impulsos creados no ether, os quaes, penetrando e atravessando todo o espaço, vem a ser o grande *medium* da criação.

Os aposentos do antigo Yacht "Amelia", hoje "Aviso 5 de Outubro"



O salão da rainha ou sala das damas

O antigo «Yacht Amelia», barco de recreio tão intimamente ligado á historia da familia real portugueza dos ultimos tempos da monarchia, pois que, além do seu nome, que era o da ultima rainha de Portugal, n'elle passou muitos dias da sua vida o rei D. Carlos e n'elle partiu para o exilio, ha cerca de um anno, o joven rei D. Manuel, acompanhado de sua mãe e de seu tio, entrou ha pouco na historia do novo regimen, transformado em aviso de esquadra, com o nome de «Aviso 5 de Outubro».

O «Brasil Portugal» fixa nas suas paginas, como recordação historica, alguns aspectos das luxuosas installações do antigo barco de recreio, as quaes virão de certo a soffrer grande modificação em vista das novas funções que lhe foram attribuidas.

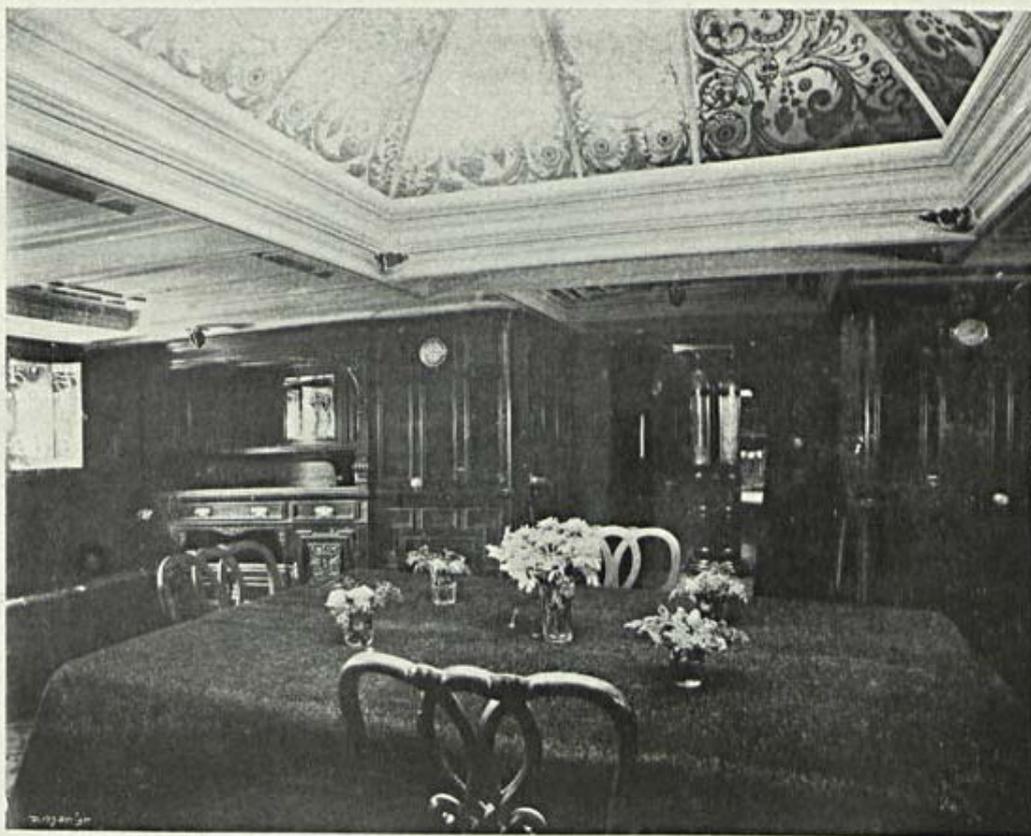


Os aposentos do antigo «Yacht Amélia», hoje «Aviso 5 de Outubro»
O camarote de el-rei D. Carlos

OINOS. — Então todo o movimento, de qualquer especie que seja, é creador?

AGATHOS. — Certamente que sim; mas ha muito tempo, que

uma philosophia verdadeira nos ensinou, que a fonte de todos os movimentos é o pensamento; e que a fonte de todos os pensamentos é...



Os aposentos do antigo «Yacht Amélia», hoje «Aviso 5 de Outubro»
A casa de jantar

OINOS. — Deus.

AGATHOS. — Falei-te, Oinos (como devia falar a um filho d'essa bella terra que morreu recentemente), dos movimentos produzidos na atmospha da terra.

OINOS. — Sim, caro Agathos.

AGATHOS. — E enquanto eu assim falava, não te atravessou o espirito algum pensamento relativo ao poder material das palavras? Não é verdade que cada palavra é um movimento creado no ar?

OINOS. — Mas, porque choras, Agathos? e porque, oh! porque é que as tuas azas enfraquecem ao pairar sobre a bella estrella, a mais virente e comtudo a mais terrivel de todas as que havemos

Estrondos e façanhas

A respeito dos exaggeros encomiasticos dos nossos chronistas, quando narram as façanhas dos portuguezs, escreveu espiritualmente o erudito D. José Barbosa no seu — *Catalogo chronologico, historico, genealogico e critico das Rainhas de Portugal* — (Lisboa, 1727), o seguinte: «Os antigos em tudo queriam estrondos e façanhas extraordinarias. Cada bote de lança havia de derrubar uma muralha, e cada golpe de espada havia de partir um monte. Por isso nas batalhas com os mouros morriam trezentos a quatrocentos mil, porque os olhos dos soldados christãos deviam ser os verdadeiros basiliscos ou deviam ter as suas vozes qualidade de raios, que em se ouvindo, matavam. Favor é dos chronistas deixarem alguns dos inimigos com vida para levarem as novas do estrago. A cada passo mudavam os rios de côr, porque, em lugar da agua, os faziam correr sangue as pennas dos escriptores, que com estas narrações, alegravam e satisfiziam ao povo.»

A proposito lembra-nos uma anecdota:

No tempo da guerra peninsular estava um cego n'uma das ruas de Madrid. apre-goando uma batalha dada entre hespanhoes e francezes, e entre outras circumstancias, affirmava que vinte mil francezes haviam perecido no conflicto.

NOTAS DE SPORT

Corridas de natação no Estoril



Dario Cannas vencedor d'uma das corridas.



O grupo dos nadadores

encontrado no nosso vôo? As suas brilhantes flôres, parecem um sonho maravilhoso; mas os seus vulcões ferozes, lembram as paixões de um coração tumultuoso!

AGATHOS. — Não parecem. São! são sonhos e paixões! Esta estrella extraordinaria, fui eu que a criei, deve haver uns tres seculos, proferindo algumas phrases apaixonadas, com os punhos cerrados e os olhos arrasados de lagrimas, aos pés da minha bem amada. As suas flôres brilhantes são os mais caros de todos os sonhos, não realizados, e os seus vulcões furiosos, são as paixões do mais tumultuoso e do mais insultado dos corações!

EDGAR POE.



Um aspecto da praia

(Phot. de J. Benodiel)

PENSAMENTOS

E' mais facil commover a imaginação da mulher que a do homem.

ZIMMERMANN.

Não te contentes com o ser justo; impede as injustiças.

PHOCYLIDES.

Não faltam amigos fingidos a quem não falta que gastar com elles.

AMADOR ARRAES.

O delirio da febre tem alguma coisa de nebuloso e vago.

Pareceu a um dos ouvintes muito avultado o numero, e approximando-se do cego, perguntou-lhe: — *Hermano, quantos murieron de los nuestros?*

— *Eso andad allá al ciego de Paris, que el se lo dirá.* — respondeu o cego.

Sejam porém quaes forem as demasias e hyperboles dos panegyristas, a verdade é que quasi sempre nos combates as vantagens estão do lado do maior numero.

E' por isso que um narrador castelhano cheio de sinceridade, disse a respeito d'uma campanha contra os mouros:

Vinieron los saracenos,
Y nos molieron a palos;
Que Dios ayuda a los malos,
Quando son más que los buenos.

O pensamento não é mais que um sopro, mas este sopro agita o mundo.

VICTOR HUGO.

NARCISO

Segundo a lenda, Narciso era filho de Cephis e da nymphia Liriope. Captivava todos os corações por sua maravilhosa beleza, mas desdenhava o encanto das damas. A nymphia Echo, despresada



Stolypine

Presidente do conselho de ministros da Russia
(† a 18 de Setembro de 1911)

Victima d'um attentado praticado pelo terrorista Bogroff, falleceu recentemente o sr. Stolypine, antigo presidente do conselho de ministros da Russia.

São frequentes no imperio moscovita estes attentados, podendo talvez explicar-se o facto pela quasi impossibilidade de organizar um verdadeiro movimento revolucionario, dada a grande distancia d'umas cidades ás outras, distancia em muitos casos occupada por vastos campos desertos. Assim, qualquer movimento revolucionario que rebentasse em determinado ponto do imperio russo, não teria facilidade de irradiar até constituir um sério perigo para o throno do czar.

No entanto e dando mesmo de barato que as victimas do terrorismo tenham sido sempre tyrannos cruéis, a sua morte a ninguém aproveita, não servindo ao menos de exemplo, pois que assim como ninguém deixa de se metter hoje no comboio porque hontem houve um descarrilamento, também o verdadeiro homem de estado nunca deixa pôr em pratica quaisquer medidas que julgue de utilidade só porque o seu antecessor tenha sido victima de igual facto. O perigo quasi nunca intimida os homens. Convertendo uns em martyres e transformando outros em heroes, assegura em todos os casos aos audaciosos a sua entrada na historia.

por elle, transformou-se em rochedo, conservando, apenas, a voz.

Suas victimas invocaram, por fim, a vingança dos deuses. Andando a caçar um dia, Narciso descansou perto de uma fonte; bebendo avistou a sua imagem reflectida na agua, e ficou extasiado. Perdendo a esperança de agarrar a propria sombra, Narciso feriu-se e matou-se. Foi então transfor-

mado na flôr que conserva o seu nome. Havia perto de Thespies, onde elle nasceu, a *Fonte de Narciso*.

O episodio de Narciso inspirou varios pintores, entre os quaes Poussin, Claude Lorrain, Courtois, Vibert e Lepicié.

Sobre os amores de Echo e de Narciso, escreveu em 1779 o barão de Echudy, uma opera de que Gluck fez a partitura. Cantada em 24 de setembro d'aquelle anno, não logrou successo, conseguindo apenas doze audições.

Nem sempre os melhores amigos são aquelles que nos fazem mais festa; ha amizades sem ostentação capazes de todos os sacrificios.

Uma poesia de Bocage

Lá na minha sepultura,
Onde sepultado eu fôr,
Um letra a cada canto:
Um A, M, O, R, Amor.

Eis meu rosto macilento
Os tristes olhos sumidos,
Os meus labios denegridos,
E sem ter nestes alento,
Affligido de tormento,
E toda minha figura,
Modelo da desventura,
Espera da Parca o córte,
Vou descansar com a morte
Lá na minha sepultura.

Sobre a campa fria e dura,
Caminhante, que passares,
Lê desgostos, lê pesares,
Lê a minha desventura,
Entregue então á ternura,
Desafoga em triste pranto,
Porém não te cause espanto,
Que o epitaphio lerás,
Repara bem, acharás
Uma letra a cada canto.

Onde quer que eu fôr levado,
Vá comiga a confusão,
D'uma atrevida paixão
Com que vivia enganado.
Vá da sorte o dissabor,
E, do meu corpo ao redór,
As paixões, serão jazigo,
Jazerá tudo comigo
Onde eu enterrado fôr.

Olha um A, que significa
Annalia, cruel e vária;
M, *Maria* contraria,
E por enigma se explica.
Repara no O, que indica
O seu odio, o seu furor;
O R, mostra rancor
Que me teve emquanto vivo,
Sendo de tudo motivo
Um A, M, O, R, Amor.

No imperio de Marrocos



O sultão n'um dos seus costumados passeios pelas ruas da capital

CAMINHO FALSO

QUANDO Marcello de Lima casou, afirmou-se que elle o fizera por uma exaltação de nevrose artistica, repassada de idealismo e sensualidade.

A sua alma, sempre oscillante entre a contemplação e a bohemia, depois de cinco annos em Coimbra, gastos a beijar as boccas magras das tricanas, e a adorar os collos encantados que, das janellas altas, pendiam, murchos de sonhos, sobre a sua cabeça de futuro bacharel, deixara-se fundir, surpresa e vencida, na candura simples de Clotilde.

Conhecera-a casualmente, ao visitar a tia viscondessa, viuva

gas que a estremeciam, mas era raro ver-lhe uma joia a matisar-lhe o vestido ou a carne.

Até o chapéu constituia para ella um adorno excepcional. Por mais tenue que fosse a gase, por mais leves que fossem as plumas e as rosas dos enfeites, pesava-lhe dolorosamente sobre a cabeça, ao lembrar-se das irmãs, talvez a essa hora descalças, pelos caminhos, carregando, curvadas, os feixes pesados para o lume.

E tam vivo era nella o sentimento de familia, que a sua linda bocca ficava sempre amarga, quando á mesa calculava que o sacrificio de um d'aquelles pratos de luxo bastaria para encher de pão a mesa escassa de seus paes.

— Ha refeições, Marcello, em que as mãos se lhe pregam na borda do prato, e os olhos se lhe immobilizam, de preferencia, nos logares vãos da toalha... Não come, mas nunca se queixa nem

Ephemerides portuguezas



A batalha do Bussaco

cujo 101.º anniversario passou a 27 do meç findo

já branca, sem filhos, a esse tempo isolada perto de Vizeu, n'uma quinta farta de aguas e fructos.

Segundo Marcello confessava, n'uma sacada do palacete, por uma manhã de junho, Clotilde apparecera-lhe como uma figura purissima de milagre, como a realidade celeste de uma apparição que surgira, no seu caminho, para a felicitar possuindo-a, adorando-a, entregando-se absolutamente a ella.

— Doido!... E's um doido! Isso é uma exaltação de nervos!... — reprehendeu maternalmente a viscondessa.

E referiu-lhe a modestia e a situação pobrissima da afilhada que ella, por sympathia, creara, mandando educá-la n'um collegio de cidade provinciana.

— Não, meu amigo, é preciso expulsá-la do coração. Tu és um bohemio, um estroina... um artista, se mais te agrada, e ella é um anjo...

Falou-lhe ainda da familia e do temperamento delicado de Clotilde.

Os paes, gente rustica, sem meios, viviam pobres, de cavar a terra.

Clotilde tinha brilhantes, pulseiras, aneis, mil prendas de ami-

deixa de sorrir-me. Nestes dias o piano geme-lhe debaixo dos dedos com tanta melancholia, que não é raro ir encontrar-lhe o teclado molhado de chorar.

Marcello respirava oppresso e allucinado por uma alegria incomportavel!

— Mas a tia sabe que eu sou rico?...

— E' verdade isso, meu caro Marcello. Tens dinheiro e mais do que isso: tens bondade e talento. Mas esta cabeça... esta cabeça...

Passou-lhe, com tristeza, os dedos ao redor dos cabellos, imitando o rodar da ventoinha.

— Não, meu amigo, não penses nella... Seria uma estroinice que nunca te perdoaria...

Marcello ia protestar quando parou, á porta do palacete, uma carruagem com o velho medico que fazia a sua visita semanal.

A viscondessa levantou-se a recebê-lo, descendo Marcello para o jardim a fumar, pensativo, enquanto não chamavam para o almoço.

Estava-se na vespera do S. João.

Manhã cinzenta, sem ventanias, com o ceu morno, acariciante,

donde cahiam, a intervallos, borrifos ligeiros de chuva sobre as arvores, pejudas, immoveis, a gosar os amores dos fructos novos, e sobre as rosas quietas, que se deixavam banhar languidamente até aos pés.

Marcello subiu, por entre alas de buxo, uma pequena inclinação, indo sentar-se sob um caramanchão tecido de glicínias, donde se abrangia todo o cerrado e os campos das cercanias, a essa hora movimentados na ceifa do pão já maduro.

No meio dos ruidos e dos perfumes do jardim, Marcello apenas distinguia o aroma forte dos sabugueiros que se dobravam em cachos brancos de flores, entontecidos de cheiro, a mergulhar nas



Madame Toselli

Ex-princesa Luíza de Saxe

Volta a fallar-se mais uma vez na ex-princesa Luíza de Saxe, esposa do pianista Toselli, de quem ao que parece vae divorciar-se.

Tem dado brado, como era de esperar, a publicação das suas «Memorias». O mundo, sempre avido de escandalos, em especial quando os protogonistas d'elles são pessoas de alta representação social, não podia deixar de acolher com soffreguidão a narrativa da ex-princesa da casa d'Austria, fazendo-lhe cada um os commentarios em harmonia com as opiniões politicas que professa. D'esta forma a questão desloca-se dos verdadeiros principios sob que deve ser encarada, os quaes não devem ser politicos nem sentimentaes, mas unica e simplesmente de moralidade. Sob este aspecto destaca-se immediatamente, entre outros, o facto da ex-princesa ter preferido, aos cuidados pelos seus filhos, o que ella poderá chamar a sua felicidade como mulher.

aguas frescas da ribeira proxima, e as gargantas das ceifadeiras cantando a S. João, na esperança de um casamento suspirado:

Na manhã do S. João
Nascem rosas amarellas;
S. João subiu ao ceu
A pedir pelas donzellas...

E logo as moças casadas, numa voz mais cansada e triste, a lembrar-se de tanto filho que Deus lhe dava:

Na manhã do S. João
Nascem rosas encarnadas;
S. João subiu ao ceu
A pedir pelas casadas...

As vozes das mulheres e os aromas das rosas, elevando-se na atmosphera dormente, pareciam-lhe um cantico creador impregnado de seiva luxuriosa e mysticismo ardente.

Sentia que, nessa manhã, as boccas das moças sabiam á frescura das rosas e que as folhas das rosas tinham o fogo dos labios das raparigas.

Para isso, mandava S. João de hora a hora, acalmar os seres, dando-lhe, em ligeiros borrifos de chuva, o orvalho subtil e morno de uma volupia sagrada.

Fez um novo cigarro, distrahidamente, a pensar em Clotilde.

Dos lados do palacio veiu-lhe um som brando de piano que se suspendeu após os primeiros compassos de uma sonata, seguindo-se-lhe um preludio de canção.

Clotilde deixara Schubert para acompanhar ao piano, as raparigas da sua terra, que, ao longe, cantavam o S. João

Marcello sorria enlevado á ingenuidade daquella permuta musical, quando um bando de pombas, roçando, num voo baixo, a superficie do lago, veiu abater, arrulhando, sobre as glicínias do caramanchel.

Ergueu-se tomado de um prazer novo que lhe sacudiu todos os nervos.

Deteve-se embriagado naquella canção simples, sem effeitos orchestraes, de que outrora a sua requintada alma de artista desdenharia.

Lembrou-se do S. João de Coimbra, com alcool, mulheres fauceis e guitarradas...

Que differença! Como a mesma canção, naquella piano, naquella retiro, naquella bocca, respirava alegria de amor e fecundidade casta.

Mas, subitamente, o piano calou-se, e Marcello avistou a figura branca de Clotilde que descia a colher flores para a mesa do almoço.

Toda vestida de branco, singelamente, sem fitas nem laços, o seu corpo fino, de talhe sem macula, perpassando no jardim, ao deslizar suavemente as mãos sobre as hastes e sobre as corollas das rosas, lembrava o marmore vivificado de uma Flora grega que descera do pedestal, a agradecer, ás plantas, a graça de nascerem e florirem ali, á roda della.

Sem dar pela presença de Marcello, encaminhou-se para um craveiro branco que floria perto do caramanchel, mas ao baixar-se, para colher um ramo de cravos, que entalou no seio, um galho de jasmineiro prendeu-se-lhe nos cabellos negrissimos, emmaranhando-lhe o penteado simples.

Sentou-se, contrariada por este incidente, n'um banco de sobro, pousando ao lado os ganchos que ia tirando do penteado descomposto.

Marcello, pelos intersticios do caramanchel, seguia-lhe encantado todos os gestos.

Com alegria, viu as mãos de Clotilde mais pallidas que na vespera. Os labios e as faces tinham-lhe esmaecido, e até os olhos,



O pianista Toselli

Marido da ex-princesa Luíza de Saxe

de um negro largo e profundo, mostravam o fulgor liquido de lagrimas recentes.

Occorreu-lhe uma lembrança estonteante.

Com o peito a latejar, sahiu cautelosamente do caramanchel, e, torneando-o, veiu collocar-se, de pé, nas costas do banco, donde tirou os ganchos no momento em que Clotilde os procurava para prender os cabellos, já contidos na mão esquerda.

— Clotilde!... — segredou n'uma voz tremula e triste, inclinndo-se-lhe sobre o hombro.

A afilhada da viscondessa ergueu-se de repellão, mal suffocando um grito de surpresa.

— Ah! é o Marcello...

Teve um sorriso que se lhe esvaiu, ao ver como elle a fixava n'uma tristeza ardente, onde havia respeito e grandeza.

Não podendo supportar-lhe o olhar, curvou-se, afogueada de rubor e receio, a procurar á roda do banco:

— Desprendeu-se-me o cabelo... colloquei aqui os ganchos e não os encontro... — explicava perturbadissima, baixando-se a procurar na terra.

— Se a Clotilde me perdoasse?... — disse Marcello, mostrando-lhe os ganchos na mão aberta.

Clotilde retirou-os com voluptuoso acanhamento, pregando-os, a sorrir, no cabelo opulento.

— E não me diz nada?... — perguntou Marcello quasi infantilmente.

E já sem olhar Clotilde, n'uma voz quasi velada em que havia dôr purissima de uma renuncia generosa:

— Tem razão... tem razão... Somos tão diferentes! Esqueçamos... A Clotilde é um anjo e eu sou um homem... A tia viscondessa disse a verdade...

Clotilde aproveitou este momento em que a não fitava para o olhar enternecidamente, com as pupilas arrasadas de lagrimas.

Fez um leve movimento de tirar a mão para as enxugar.

— Vá, Clotilde... fuja... pode retirá-la... é um bem que me não pertence...

Nos labios de Marcello vibrava já a commoção de uma despedida irremediavel, e Clotilde sentou-se a soluçar sobre o velho banco de sobro.

Inclinou-se para ella, tremulo, com a mão ainda presa, surprehendido por uma grande felicidade inesperada.

O silencio era agora maior, porque Isabel deixara de cantar.

ASSUMPTOS RELIGIOSOS



Nossa Senhora — Quadro de Salvi

— Muito obrigada...

Pousou-lhe na mão ainda aberta, estendida, a sua mãosita nervosa que Marcello fechou na sua, febrilmente.

Os seus olhos encontraram-se, breves como na luz de um relampago formosissimo que deixasse, á volta d'elles, um silencio e uma escuridão de entontecer.

Sobre a agua quieta do lago cahiam as gotas sonoras do repuxo, e ouvia-se perto a voz da creada Isabel que pedia, cantando, um noivo a S. João.

O cheiro subtil do jasmineiro proximo misturado ao aroma violento da alfazema, acordou-os languidamente daquelle sonho momentaneo.

— Clotilde!... Porque não me acreditou hontem?... Porque chorou!... Bem sei... A tia viscondessa disse-lhe... A vida de Coimbra... andei por Paris... sou um estroina... Diga que sim, Clotilde... que me aborrece, que a não mereço... que é inutil... que é inutil esta insistencia!...

Interrompeu-se, baixando os olhos resignadamente sobre a mãosita leve e tremula que passava entre as suas com amargura e delicia.

Distingua-se apenas o som da agua do repuxo cahindo no lago e o peito de Clotilde arquejando contra a madeira do banco.

— Clotilde!... Então, Clotilde?! — chamou baixo, apaixonadamente, quasi deitando-lhe a face no hombro.

Dos seios oppressos, offegantes, subia até ao rosto de Marcello o aroma dos cravos brancos que as lagrimas rociavam, espiritualizando-lhe o perfume.

Parecia-lhe que aquelle aroma, emanado de um seio virgem, molhado de lagrimas, lhe fazia evaporar do coração e do cerebro todas as ideias e todos os prazeres faceis que tinham accidentado a sua vida de bohemio.

— Clotilde!... minha Clotilde!... minha querida Clotilde!...

Velou-se-lhe a garganta, e os labios, como uma flor murcha por uma ventura ardente, desmaiaram-lhe felizes sobre a negrura profunda dos cabellos de Clotilde.

Ouviu-se, neste momento, a voz da viscondessa falando para o jardim.

Clotilde levantou-se afflicta, correndo a uma gruta proxima, a embeber o lenço de agua, para apagar os vestigios das lagrimas.

— Adeus, Marcello... faça por esquecer...

— Sim, Clotilde... por esquecer o passado...

Estreitaram as mãos, olhando-se profundamente, com alegria, por entre lágrimas.

Pouco depois, Clotilde estava junto da viscondessa que foi encontrar pensativa, na sala do piano, folheando uma colleção de musicas, abertas sobre o regaço. Beijou-a com desusado alvoroço,

A proposito da conspiração monarchica



Terras de conspiradores — Monforte (Galliça) — Fachada principal do convento de S. Vicente

com uma alegria irreprimivel, amimando-lhe as faces de beijos e passando-lhe infantilmente os dedos nos cabellos brancos.

— Mas a madrinha está triste!... Que tem?!...

— E tu, minha creança, tam contente!... Que nunca te arrependas...

Na voz da viscondessa soava um timbre vago e dulcissimo, oscillando entre a censura suavissima e a bondade resignada de um perdão já concedido...

Ruborisada, sem encontrar uma palavra, Clotilde deitou-lhe o braço no hombro, debruçando-se muito confusa, a olhar os titulos das musicas que a viscondessa começou lendo, para lhe evitar a dificuldade da conversação.

— ...As *Beatitudes*, de Cesar Frank...

Clotilde ergueu-se logo, dirigindo-se a abrir o piano, num a nde allivio.

— A madrinha gosta muito, não gosta? Se quizesse?...

— Sim, Clotilde...

E estendeu-lhe, num gesto brando de melancholia, o livro de musicas que Clotilde collocou na estante, sentando-se a executar.

Na cerca onde Marcello passeiava, fumando avidamente, ainda tremulo de ventura, a musica das *Beatitudes*, naquella manhã, vespera de S. João, derramava-se sobre as flores e sobre as arvores, erguendo, suavemente, do jardim, uma melodia de cheiros e côres.

Atirou o cigarro para aspirar e ouvir com mais pureza.

Aquella musica, de um mysticismo amoroso e transcendente, evolvendo-se das mãos suavissimas de Clotilde, tinha, para elle, a força ascencional de um sonho religioso e a virtude de um luar alto e puro que se espargia, a clarear-lhe as promessas realisadas de um lar feliz...

Deteve-se a olhar, com ternura, o craveiro branco, onde Clotilde colhera o ramo que lhe vira, molhado de lagrimas, no peito, e reunindo-lhe os cravos nas mãos, inclinou-se a aspirá-los, ansioso de encontrar nelles o aroma dos cabellos e dos seios de Clotilde...

A musica continuava, agora mais alta e acariciante, n'um arrebato que lhe espiritualisava a carne, erguendo-lhe e embalando-lhe o coração com a leveza de uma pena de ave.

Os aromas subiam mais alto, e as folhas latejavam á volta das rosas e dos ramos, na ancia de subir tambem.

Quando o piano emudeceu, Marcello escutou a atmospheria, e

todas as sensações e felicidades errantes no ceu cinzento daquella manhã de junho voltavam ao jardim, como um bando de pombas que a musica acordara e espalhara, e que agora recolhiam aos ninhos, depois de um esvoaçar amoroso.

Clotilde, chegando á janella, sorriu-lhe com meiguice, e Marcello, estonteado, quasi correndo, como um mendigo que achasse um thesouro, subiu a jurar á viscondessa que a sua felicidade estava ali.

Mezes depois do casamento, no mesmo banco em que pela primeira vez se beijaram, estavam sentados Marcello e Clotilde, absorvidos n'uma grande tristeza.

Advinhava-se que uma nuvem de persagio lhes pesava sobre as cabeças silenciosas, inclinadas no receio de encontrarem, na troca de um olhar ou duma palavra, a revelação de uma grande desgraça.

A tarde era de janeiro claro: limpida, muda e fria. A cortar o silencio, sentia-se apenas o cantar monotono do repuxo e a lufada de um vento fino arrepiante, ramalhando, nas arvores, as poucas folhas mortas que o outomno respeitara, admirado de as ver morrer, apaixonadamente, n'uma convulsão amorosa de seiva, agarradas aos ramos nus onde tinham nascido e verdejado.

— E não voltas? Nunca mais voltas? — perguntou Clotilde, com doçura angustiosa.

— Pois não havia de voltar, minha creança?!...

Entrelaçou-lhe os dedos nos cabellos negros, a acarinhá-la.

— Mas quando? quando? quantos dias?...

— Olha, minha querida Clotilde: Paris é muito incerto, mas concluido o negocio volto breve. Tens-me aqui depressa... Lá para o Carnaval... mas, não, para o Carnaval será cedo... lá para a Paschoa... o mais tardar para o...

Interrompeu-se como se, de repente, descobrisse na propria voz o falsete da mentira.

— Oh! santo Deus! Mas porque choras?!...

Clotilde soluçava afflictivamente.

Ouvia-o tanta vez exaltar, num tom de voz tam diferente, os prazeres do *boulevard*, do *Bois*, do *Salon* e da *Opera*...

Presentia que Marcello estava cansado della e daquellas arvores, sempre as mesmas, mudando apenas o vestido das estações...

— E se eu te pedisse muito, Marcello? ... — supplicou meigamente, pousando-lhe as duas mãos enlaçadas no hombro.



A PROPOSITO DA CONSPIRAÇÃO MONARCHICA — Terras de conspiradores — Vigo (Galliça) — O edificio da Camara Municipal

— Oh! Clotilde! Mas tu és impossivel!...

— E se *outrem* te pedisse pela minha bocca?...

Marcello olhou-a estranhamente.

Mas Clotilde deitara-lhe, sobre as mãos enlaçadas no hombro, a cabeça soluçante, a dizer-lhe entercortadamente um segredo que a fez estremecer, agitando-lhe o seio...

Apertou-a longamente nos braços.

— Sim, Clotilde, eu volto... Antes de nascer o nosso filho eu voltarei.

E no dia seguinte, enchendo a carteira de cheques, tomava, com febre, o comboio de Paris.

(*Continúa.*)

PADRE ALVARES D'ALMEIDA.



Eduardo Schwalback

Escriptor publico, jornalista, comediographo, em todas estas manifestações de intellecto e actividade, Eduardo Schwalbach tinha dado as ultimas provas de competencia, superior e incontestada. Tinha sido tudo aquillo com exito e com applauso.

De hoje em diante desdobra-se no seu valor um novo campo de acção. Schwalback é hoje empresario theatral. E o elegante theatro popular da Rua da Palma, o «Apollo», vae ser tambem o theatro da sua actividade. Elle vae de certo provar que uma competencia não exclue outra competencia e que a gloria do dramaturgo e de comediographo vae ser engrandecida e completada pela gloria do empresario theatral.

Isso prophetisam todos aquelles que conhecem bem o actual empresario do «Apollo», que tem talento e perseverança bastantes para, ao mesmo tempo, fazer e conseguir, o que em Portugal, se considera quasi impossivel: arte e fortuna.

Medo dos ladrões

CERTO diplomata brasileiro, chegando a Roma (ha bons pares de annos), ouviu logo narrar varias proezas dos ladrões que então infestavam a cidade eterna.

«Acautele-se, dizia-lhe o secretario da legação; evite fazer visitas á noite, e quando não puder deixar de fazel-as, arme-se bem.»

O diplomata começou a recolher-se ao escurecer; porém, lá viu um dia em que não pode deixar de ausentar-se de casa, de-

pois do sol posto. Revestiu-se de coragem, carregou uma pistola, pô-a no bolso e sahio.

Enquanto estava claro, não houve novidade, mas logo que veiu a noite, acudiu-lhe á memoria tudo quanto ouvira dizer, e então pareceram-lhe patibulares todas as caras que via.

Ao voltar uma esquina esbarrou em cheio com um homem, que tambem caminhava apressado e que continuou a andar sem proferir uma palavra, apesar de não ter sido pequeno o encontrão. O diplomata parou, e levando a mão ao collete, verificou que se achava sem relógio.

«Estou roubado, disse, e cheio de indignação correu para o desconhecido, e apontando-lhe a pistola ao peito, exclamou:

«Dá-me o relógio ou mato-te.»

O desconhecido recuou um pouco, quiz falar, mas o medo embargou-lhe a voz na garganta.

«Dá-me o relógio ou mato-te.»

A essa segunda intimação, foi-lhe entregue o relógio, regressando o diplomata para a sua residencia.

Mas qual não foi o espanto que teve ao entrar no quarto, vendo sobre a mesa o seu relógio! Esquecera-se d'elle alli, e de arma em punho o exigira de um pobre homem, que se recolhia a toda a pressa para casa... com medo dos ladrões.

Indo narrar o facto e entregar o relógio á auctoridade policial, encontrou o homem apressado que acabava de apresentar a sua queixa.

Explicado o equivoco, riram-se ambos e foram almoçar juntos.

Bolo de arroz

Duas chicaras de fubá de arroz, dois ovos, uma chicara de leite, uma colher de manteiga, uma colher de gordura.

Bate-se bem e vae ao forno em fôrma untada de manteiga.



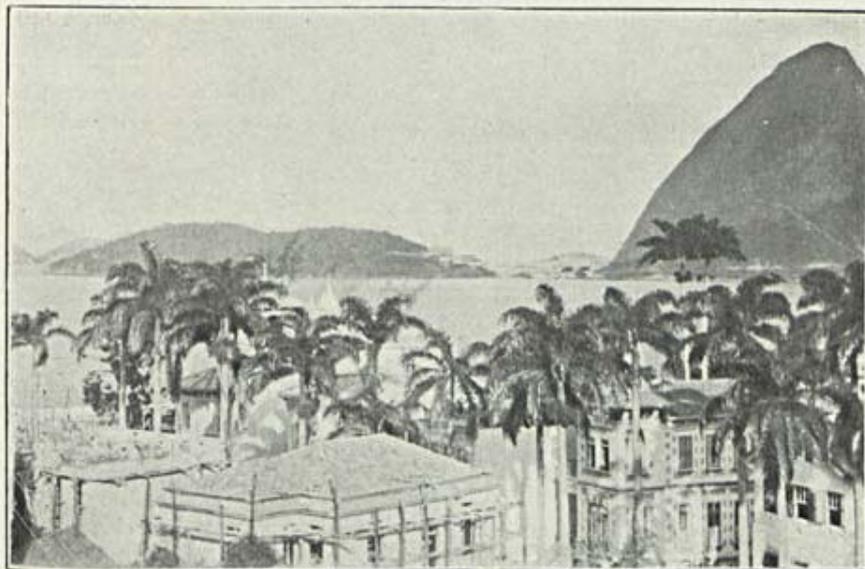
Uma aurora

THEATROS

Trindade. — *Ventas de Patrulha*, revista em 3 actos e 12 quadros, musica do maestro L. Filgueiras e L. Quesada. — **Republica** — *A Crise do Amor*, revista em 3 actos e 12 quadros, original de André Brum e Candido da Costa, musica dos maestros A. Mantua e Filippe da Silva.

Não corre o tempo de feição para os revisteiros. A produção do genero é grande; o meio assaz pequeno para assumptos de novidade, e d'ahi o publico, que é sempre o mesmo, tornar-se exigente, querer mais alguma coisa fóra da rotina contumaz, de que os auctores não podem fugir, não só por carencia de fontes de inspiração, mas tambem, valha a verdade, pela precipitação com que, muitas das vezes, alinhavam os seus trabalhos. O genero é tentador e raras são as que não se salvam da tormenta da *première*. Depois, a derrota é facil; navegam até ás cem e cento e cincoenta representações; e algumas

RIO DE JANEIRO



O Pão de Assucar
Vista tirada do Hotel dos Estrangeiros

ha, ainda, que, tomando novo rumo, vão até ao Brazil, onde quasi sempre a maré é de rosas.

Tudo, porém, cança; e o publico, não porque os trabalhos que agora lhe apresentam sejam inferiores aos anteriores, — Santo Deus, temos visto alguns!... — mas porque a graça repete-se, os typos e as situações são as mesmas, e elle, ávido de sensações, encontrou na *pateada* á falta de outro um estimulante novo de prazer e divertimento.

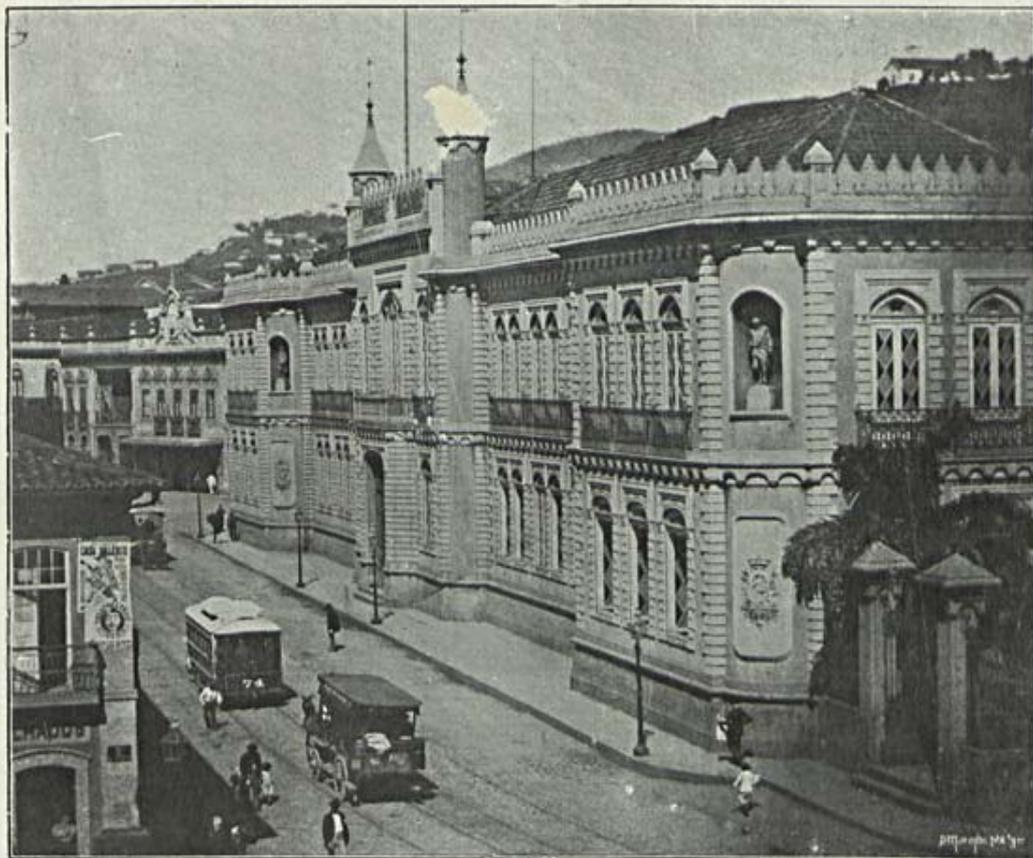
— A *première* de uma revista sem *pateada* não tem sabor. — E a prova é que as *pateadas* annunciam-se. Correm sempre versões: a peça é má, a musica peor, o desempenho uma desgraça. E vae o publico, que sabe tudo isto, porque todos lá têm, a dentro dos bastidores, um amigalhaço que se torna em *zeloso* informador, acorre pressuroso com o bilhettino na mão marcado um mez antes para a peça, como juiz supremo sentenciar. — O que o leva lá? A peça? — Não; porque elle já *sabe* que é má: — é unicamente o barulho, o vosear, as piadas jogadas para o palco, as interrupções intempestivas, emfim — a *pateada*, que é como quem diz — o escandalo. — Não ha que duvidar, é um espectáculo novo; está em moda e deve ser explorado. Os auctores em breve serão os primeiros a lamentar que as suas revistas não sejam *pateadas*, pois que isso constitue hoje um dos melhores reclamos para a peça. E como é certo «que depois da tempestade vem a bonança», o publico, que foi *implacavel* na primeira noite, é o primeiro a concorrer, *depois*, com a sua presença para que a peça atinja as cento e cincoenta representações do estylo.

E' o que vem de dar-se com as *Ventas de Patrulha*, em scena na **Trindade**, e a *Crise do Amor*, no **Republica**. O publico gritou, gesticulou, pateou quando da estreia, e, agora, depois do *barulho* que o caso fez, de larga discussão nos centros de cavaco frequentado pelos do meio, das agulhoadas dos criticos, com um bocadinho de réclame nos jornaes, aos poucos, annunciando uns córtes indispensaveis, e mais duas graças do *compère*, ellas lá vão proseguindo na carreira encetada, no que muito folgamos, pois penalisa-nos sempre o infortunio de um insuccesso ou de um trabalho perdido.

Não temos pois que discutir aqui dos meritos das revistas em questão: em ambas ha bom e mau, e podemos afirmar que temos visto por ahí muito peor sem tão vivos protestos. Ambas estão bem postas em scena, e o desempenho é igualmente excellente. A critica fel-a o publico, e da fôrma que expuzemos. Cada qual que ajuize.

E, meus senhores, vae começar a época de inverno...

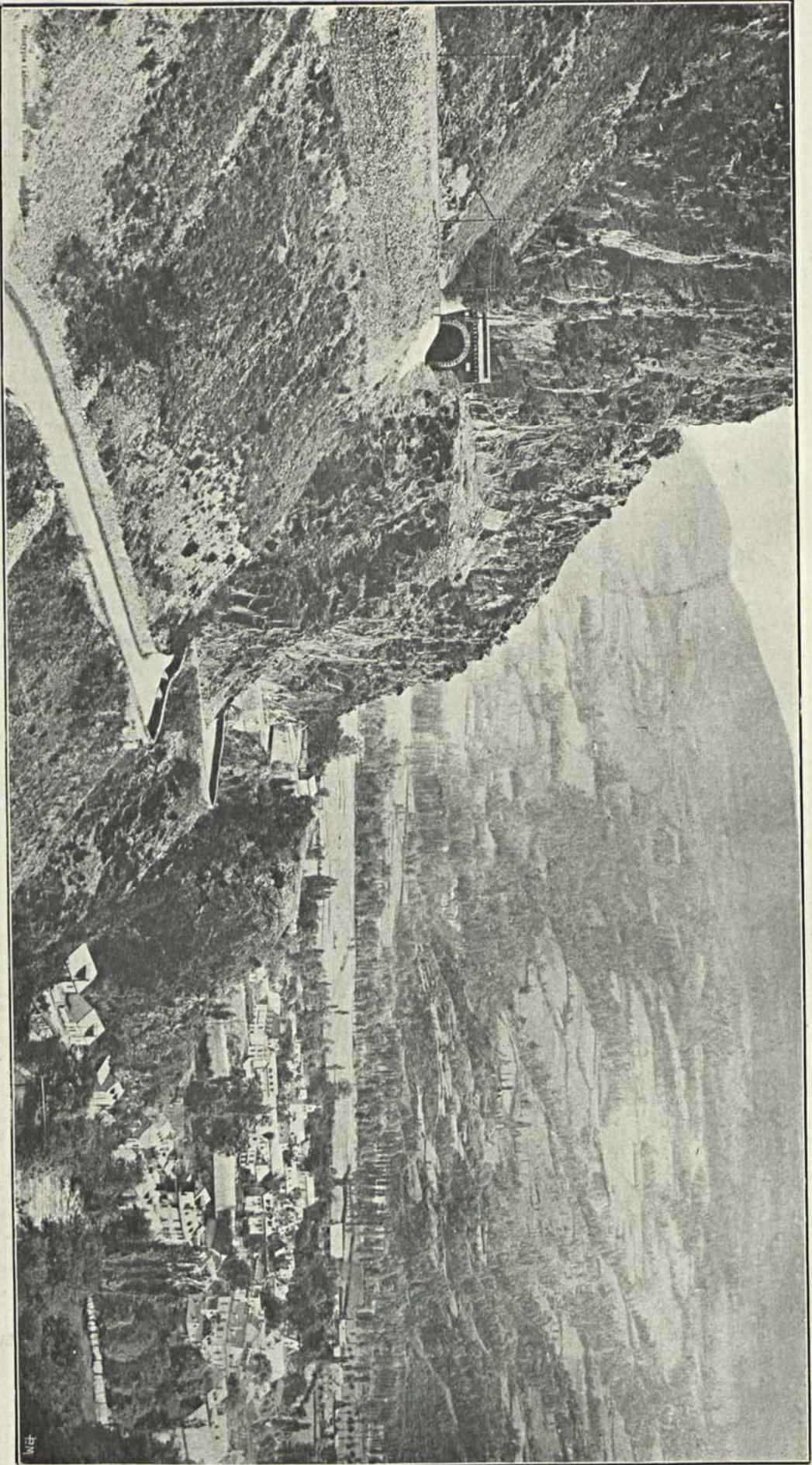
Ruy.



Rio de Janeiro — A Typographia Nacional

Um pavoroso incendio destruiu ha dias este edificio, um dos maiores e mais importantes da grande cidade brasileira. As perdas são orçadas em milhares de contos.

Cauterets



Estrada e caminho de ferro de Cauterets (França)